

Entrevista com Yu Huijuan

Márcia Schmaltz

Yu Huijuan nasceu em 1946, em Haimen, província de Jiangsu, Sudeste da China. Em 1965, ingressou no curso de Português no Instituto de Radiodifusão de Pequim (atual Universidade de Comunicação da China) Depois de se diplomar em 1969, trabalhou como tradutora, locutora, apresentadora, correspondente e foi chefe da seção portuguesa na Rádio Internacional da China até o início de 2007. Durante o período, também acompanhou delegações chinesas em missões oficiais e realizou diversas interpretações simultâneas em seminários. Entre Abril de 2007 e Abril de 2011, trabalhou no Tribunal de Última Instância de Macau, para finalmente se aposentar e ficar junto a sua família em Pequim, capital da República Popular da China.

Obras traduzidas: *Três garotos em Férias no Rio Tietê* 《蒂埃特河历险记》, tradução com Li Changsen, de Francisco de Barros Junior (1986). *Ciranda de Pedra* 《石人圈》 de Lígia Fagundes Teles (1989). *O Silêncio da Confissão* 《默默的招供》 de Josué Montello (1992). *Amor e os Dedinhos do Pé* 《爱情与小脚趾》 e *A Trança Feiticeira* 《大辫子的诱惑》 de Henrique de Senna Fernandes (1994 e 1995). *Raízes do Brasil* 《巴西之根》 de Sérgio Buarque de Holanda (1996), tradução com Fan Weixin. *Requiem por Irina Ostrakoff* 《还魂曲》 de Rodrigo Leal de Carvalho (1998).

Yu Huijuan também traduziu contos de Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, José Rodrigues Miguéis e Luis Fernando Veríssimo publicados na *Literatura Mundial*, uma das principais revistas dedicadas à tradução literária estrangeira. Legendou junto com Fan Weixin o filme *Estrada da Vida* 《生活之路》 (direção de Nelson Pereira dos Santos, 1980) e a telenovela *A Cor do Pecado* (direção de Denise Saraceni. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2004). Yu Huijuan também traduziu mais de quinze artigos científicos entre 1994 e 2007. Esta entrevista

foi realizada a 05 de julho de 2010, em Macau, do qual resultou a dissertação de mestrado *Yu Huijuan: uma biografia tradutória* de Zheng Shuo (2012).

Como é que aconteceu o seu interesse pelo português? Conte para nós como foi o seu percurso desde o início? Em que período entrou na universidade?

Foi pelo vestibular de 1965. Naquela época a Universidade de Comunicação da China, chamava-se Instituto de Radiodifusão, que formava tradutor e intérprete para trabalhar na rádio, por isso essa denominação.

Você escolheu aprender a língua portuguesa pela sua própria vontade?

Não existia isso naquela época. Ao ingressar no Instituto, já tinha sido designada como aluna de língua portuguesa, não tinha o direito de escolher.

Então poderia ter sido outra língua qualquer?!

É isso mesmo. O meu marido foi designado para o turco. Ninguém sabia qual era a razão. Esta pergunta tem relação direta com o planeamento da economia da China no período. Tudo era de acordo com o planeamento estratégico estatal.

Eles faziam uma prova oral para saber se o candidato tinha uma pronúncia mais parecida com o português?

Não tinham tantos procedimentos para a seleção. Era apenas pela média de pontuação para o ingresso. Fui aprovada ao Instituto de Rádio Difusão por ser da província de Jiangsu; pois, naquela época, todos os professores acreditavam que as pessoas de Zhejiang e Jiangsu tinham competência melhor para a aprendizagem de línguas, devido à crença de uma predisposição fonética, por isso, entrei no Departamento de Línguas Estrangeiras com facilidade, e, por sorte, designaram-me para a língua portuguesa.

Não se recrutavam alunos todos os anos. Por exemplo, houve uma turma de 1961, esta foi de Fan Weixin [tradutor de José Saramago, José Saramago, entre outros]. Contudo, em 1960, houve uma turma que não pertencia a nenhuma universidade, não sei, não consigo me lembrar dos detalhes. Era o caso da turma de Li Junbao [Departamento de Publicação Internacional da China (*China Inter-*

national Publishing Group (CIPG). Porque, na década de 1960, todo o planeamento era feito de acordo com as necessidades internas da China. Como se constatou uma falta de pessoal técnico na área da língua portuguesa, por isso, designaram os licenciados em Russo para aprender português e também se admitiram os finalistas das escolas secundárias para formar uma turma. Estou a contar tudo isto porque faz parte da história.

Houve também outro grupo que foi formado em Macau. Yu Caijun, por exemplo, foi do primeiro grupo de chineses do Continente que foram para Macau para aprender o Português com Gomes [Luís Gonzaga Gomes]. Este grupo, mais tarde passou dois anos a trabalhar na Rádio (China Internacional). Propriamente para fundar a Rádio. Em Abril (de 2010), nós comemoramos o aniversário dos 50 anos da fundação da CRI (Rádio China Internacional) e convidámo-los.

Quais eram as línguas preferidas na época?

As línguas russa e inglesa eram as preferidas. Português era uma língua minoritária.

Como é que você aprendeu o português na época?

Com uma brasileira. A professora de nossa turma era uma brasileira chamada Rosária, o marido chamava-se Galeano Alfredo. A professora da outra turma era de Angola. Aprendemos a língua por heurística. Não era apenas pegar um texto didático e te dizer que isso era “a”, e isto era “b”, não! A nossa turma teve sorte, quando a professora entrava na sala de aula, ficava a falar sem parar com os alunos. Não percebíamos nada, mas tinha um tradutor ao seu lado, assim forçava os alunos a aprender. A professora mostrava uma coisa e nos perguntava: “O que é isto?” e depois ela dizia: “Isto é uma mesa.” Assim compreendíamos. E depois, ela continuava a ensinar “O que é isto?”, “isto é lápis.”, “o que é isto?”, “isto é caneta”. Aprendemos dessa forma.

Palavra por palavra?!

Com gesto e tudo. Não, havia livro. A professora passava a limpo o que havia ensinado na aula e nos dava um textinho ou uma folha com as palavras que aprendemos naquela aula. Você praticava e fazia os exercícios. Foi assim que aprendemos. Isso só foi no início.

Quantos alunos eram?

Aquele ano teve duas turmas. Cada turma tinha 20 alunos, no total eram 40 alunos. Isso foi no ano de 1965. Como aconteceu a Revolução Cultural em 1966, não foram todos os alunos que puderam continuar a trabalhar com o português. Uns anos depois, houve uma seleção para escolher os alunos que dominavam melhor o português, na qual passaram apenas quatro alunos. Entre 40 pessoas, só quatro foram escolhidas. Dois eram da nossa turma, e os outros dois da outra turma, os 36 alunos restantes deixaram de estudar o português e foram distribuídos em diferentes funções por causa da Revolução Cultural, por exemplo, uns foram trabalhar como professor. No fim da Revolução Cultural, se alguém tivesse vontade de continuar o curso de português, procurava a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim para concluir os estudos em um ano.

É uma geração inteira com a mesma história, eu, Li Changsen e outros dois colegas formamo-nos como a turma de 1965. Logo fomos designados a trabalhar no Departamento de Português da Rádio Internacional da China. Nós tínhamos de usar o português na Rádio, tínhamos de fazer traduções.

Mesmo com a Revolução Cultural, vocês ainda conseguiram graduar-se?!

Sim, licenciamo-nos em 1969. Devido ao início da Revolução Cultural em 1966, e da paralisação das aulas entre 1966 e 1967, em 1968, iniciou-se a recuperação das aulas. Mesmo não estando na universidade, todos os universitários haviam sido despachados para o campo, contudo a professora também foi junto conosco, e depois o que ocorreu no campo foi que, por exemplo, não havia mais tempo para se ensinar a gramática, então a professora empurrou todo o conteúdo gramatical para os alunos, e ficava na dependência dos alunos o quanto eles conseguiam absorver do que foi transmitido. Ao chegar ao quarto ano, graduamo-nos em 1969. Naquela altura, as pessoas achavam que a nossa turma era a melhor. Depois de licenciados, foram quatro os selecionados para trabalhar na CRI: Li Chang Sen (vide a entrevista com James Li, neste volume), Gao Shizhong, Wu Yunmei e eu.

Como era a rotina do trabalho?

Quando fui designada ao Departamento de Português, todos os dias, trabalhava na tradução do chinês para o português. Naquela época havia também dois brasileiros que trabalhavam na Rádio. Toda a tradução era corrigida por brasileiros,

e passei a aprender pouco a pouco. As traduções da Rádio eram normalmente rigorosas. Você traduzia, o especialista brasileiro corrigia e outros confirmavam, a tradução tinha de ser apropriada ao sentido chinês.

O que seria “ao sentido chinês”?

Isto quer dizer que a versão tinha de ser correspondente ao chinês e não podia desviar-se. E a situação daquela altura era diferente da atualidade, é verdade! Naquela altura, as traduções tinham de ser aprovadas por dois revisores chineses: depois de traduzir, a tradução era corrigida pelo especialista estrangeiro e, depois, dois chineses faziam a revisão da tradução do especialista. Muitas vezes, a tradução era aprovada pelo primeiro revisor, mas o segundo revisor achava que uma frase não estava muito boa e, assim, a gente discutia.

Comente sobre as reuniões para discutir a versão (ou versões) da tradução. Isto de que forma ajudou a formação do tradutor?

O processo de discussão era cansativo, mas em compensação, o profissional que era cedido pela Rádio para outros departamentos era muito elogiado. Por que em outras instituições não havia pessoas para corrigir as traduções realizadas. Quer dizer, ficavam prontas e ninguém se interessava se estavam certas ou erradas. Mas nós podíamos fazer isso, éramos treinados para sermos também revisores.

Vocês defendiam a sua própria tradução e discutiam com todos?

Isso mesmo. No início, quando [eu] era uma novata, não tinha muito com o que contribuir e aprendia através das discussões ouvindo os demais colegas. E, por isso, quando hoje encontro algumas traduções, não sei se choro ou se rio, por exemplo, “amanhã começa a limpar”, ou seja, “fazer a limpeza”, “limpar a máquina de água”, mas o que é uma “máquina de água” [bebedouro]?! Essas coisas na Rádio não passavam. A discussão da versão da tradução foi uma cultura de época, agora ninguém tem mais esse tempo e aquela calma para fazer tudo isso.

Fale um pouco de seu trabalho na CRI.

Durante os 37 anos que trabalhei na Rádio, fui correspondente no exterior, estudei no Brasil, fui cedida para receptionar e acompanhar delegações, outras

vezes, como repórter, realizei entrevistas na China e no exterior; Fui cedida para Macau para trabalhar por alguns anos na década de 90, no período da transição do retorno de Macau para a China.

Qual foi o seu primeiro trabalho mais importante na CRI?

Além dos trabalhos diários, em 1975 fui pela primeira vez a um país estrangeiro, Moçambique, para acompanhar como intérprete uma delegação do Ministério da Saúde da China. O mais importante para mim era saber se eu tinha aprendido mesmo o Português, que é diferente de passar o dia inteiro traduzindo ou interpretando na Rádio.

De fato, quando cheguei à África, foi muito difícil, porque não sabia como fazer interpretação e estranhei o sotaque. Encontrei muitos termos técnicos novos, não conseguia acompanhar, eu só sabia falar alguma coisa, o meu nível de português ainda não chegava. Para mim foi um golpe duro, porque achava que o meu português era bom, claro que a situação não era igual a de agora. Meu conhecimento linguístico do português era apenas em relação àquilo que tínhamos contato na Rádio. Na época, não havia internet, nem jornais em português, era tudo muito limitado. Por isso, o que se conhecia e se traduzia era relacionado à China e era pouco prático para a realidade a ser enfrentada. Tudo o que se aprendia era através das correções realizadas pelos especialistas. Então, quando chegou o momento de ir ao exterior e falar de assuntos internacionais, foi muito difícil. No primeiro dia do encontro não foi fácil e, no dia seguinte, uma moça local me perguntou: “você aprendeu mais palavras?”. Foi constrangedor, mas com essa viagem descobri que o português é uma grande língua, com tantos falantes e sotaques diferentes em cada canto do mundo.

Mediante o ocorrido, o que fez para elevar a sua competência linguística? Quer dizer, depois da experiência na África, você modificou a sua prática? Ou...

Esforçava-me para mudar, o que aconteceu, no mínimo, provocou algo na minha mente. Pensava como é que podia traduzir de maneira mais apropriada e evitava traduzir palavra-por-palavra. Depois surgiu uma oportunidade, e fui estudar em Campinas.

Mas ainda teve que esperar por um longo período, mais de 10 anos.

É verdade. Naquela época, o desenvolvimento da China ainda era lento, a única maneira de contar as experiências dos meus 37 anos de trabalho é saltando alguns detalhes. Depois de ir à África em 1975, fui também enviada à Escola de Quadros Sete de Maio, toda a intelectualidade tinha de receber esse treinamento, ainda estava no fim do período da Revolução Cultural, e depois voltei para a Rádio.

Durante a formação, não falava nada de Português?

Naquela altura, não falei português. Durante um ano não pratiquei a língua, tudo era apenas em chinês, por isso, esqueci-me de muitas palavras e a articulação ficou menos fluente. Por isso, quando voltei, tive de recuperar tudo. Entretanto, toda a gente tinha de ter essa experiência. Por isso, não foi fácil aos chineses daquela geração concluir os estudos. A prioridade era a formação política, fortificar o “espírito vermelho”. Por isso, não era fácil concluir um curso naquela altura.

Hoje em dia, os finalistas entram na Rádio (CRI) e se desenvolvem linguisticamente rápido, porque eles têm um ambiente melhor para aprender a língua e utilizam a internet como ferramenta de pesquisa.

Quando eu regresssei do curso de formação política, continuei a trabalhar na Rádio e minha segunda viagem ao exterior foi em 1984, tendo como destino Angola. Tinha como objetivo participar numa feira internacional, realizada em Luanda, como intérprete da delegação do Conselho Chinês para a Promoção do Comércio Internacional (CCPII). Diferentemente da primeira, esta missão abriu minha visão sobre a interpretação em ocasiões multilaterais. Entretanto, apenas mais tarde é que tive a oportunidade de estudar fora. Depois disso é que o meu Português melhorou muito. Foi Jaime Martins que contactou a Universidade de Campinas para mim.

Comente sobre o curso de mestrado.

Frequentei o curso de Mestrado em Português na Universidade de Campinas em 1988 e 1989, através de um convênio de cooperação entre o Departamento de Educação Superior do Ministério da Educação da China e o Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação do Brasil, que me concedeu uma bolsa.

Já tinha família constituída em 1988?

Casei-me em 1972 e meus filhos nasceram em 1974 e 1978. Naquela altura, o mais importante não era cuidar dos filhos, a prioridade era o trabalho, a nossa

missão. Muitas vezes, para trabalhar, tínhamos de deixar os filhos, não tinha outra solução. Por isso, fui à Campinas em 1988 e voltei antes dos acontecimentos de 1989 na China.

Quais são suas recordações dessa estada em Campinas?

Como eu era bolsista de Mestrado, não forneciam moradia no campus. Foi assim que me proporcionou uma ótima oportunidade para praticar a língua portuguesa por morar junto com a proprietária do imóvel. É claro que isso também depende da força de vontade de cada um.

Quanto a mim, que adoro a língua portuguesa, toda a vez que ouvia uma determinada expressão, pensava sobre ela. O melhor momento para aprender o português e praticar a tradução era no ônibus. Uma vez enquanto ouvia uma conversa entre duas moças e traduzia mentalmente, ponderava, por um lado, o sentido de cada frase em português e, por outro lado, pensava como eu traduziria as expressões usadas por elas se fossem em chinês. Aí, me dei conta das diferenças de culturas. Comecei a ponderar que a tradução deve integrar as duas culturas, ou seja, a cultura de partida, a minha cultura chinesa e a cultura de chegada, ou seja, com a cultura brasileira.

É necessário saber o sentido e o significado de uma palavra na cultura de chegada e também na cultura de partida. É preciso conhecer as duas, por exemplo, uma vez na parada do ônibus, ouvi a frase: “Ah, o ônibus vem vindo”. Fiquei pensando que, apesar de ser uma expressão muito simples e sem nenhuma dificuldade para traduzir, era ao mesmo tempo, uma expressão pouco usada em chinês. Acho provável que mesmo na Universidade de Macau também seja pouco usada “vem vindo”, dava-me a impressão de como se fosse uma tomada de imagem, quadro-a-quadro, como um filme.

O desafio de aprender português está em compreender a língua com profundidade, e realmente tenho imenso interesse pela língua portuguesa.

Vou te contar outro caso engraçado, mas vai ter que pensar um pouco para te dares conta. A proprietária da casa adorava falar, de fato ela era uma intelectual, apesar de seu cargo ter sido apropriado por um secretário, por isso toda a conversa girava sempre nesse tema (riso). Contudo, o seu linguajar era de pessoa culta. Era a típica modelo para a aprendizagem de línguas, era adquirir a língua através de seu vocabulário. Desde as coisas cotidianas. E foi assim que fui aprendendo o português pouco a pouco. Certa vez, a velha senhora ao observar que a térmica

pingava depois de de ser acionada, disse: “ai, vai ter que usar fraldinha”. Não acha engraçado? Esse termo é muito brasileiro.

Eu aproveitei muito bem o ambiente, a linguagem das telenovelas é vívida. Aproveitava cada minuto da minha estada, não importava qual o conteúdo que estava a se dar nos 45 minutos das aulas: a minha missão era aprender esta língua. É incomensurável os frutos colhidos a partir desta estada. Passei a compreender muito melhor o português. As minhas traduções também não eram mais iguais, não traduzia mais palavra-por-palavra. Isso é engraçado, depois de chegar ao Brasil, não estabeleci contato algum com os chineses. Se não tinha esta possibilidade, é claro que, ao abrir a boca, eu tinha de falar português, assim, as pessoas reconheciam o meu esforço e me comentavam: “Yu, você está falando português? Precisa ainda de traduzir mentalmente ou está a falar na ponta da língua?”. Contudo, três meses depois, eles disseram-me: “mudou, o seu português progrediu”. Porque conversava com a proprietária todos os dias, já era mesmo conversar, e não era traduzir. Por isso, compreendi a diferença de ter o português na ponta da língua e traduzir. Houve uma reviravolta.

Qual foi a primeira obra que traduziu?

YHJ: Acho que foi nos fins de 1980. Depois de regressar do Brasil Deve ter sido uma crônica, porque naquela época não havia muitas obras do Brasil (na China). Antes ninguém pensava em tradução literária. Porque naquela época só se podia trabalhar na Rádio, todo o trabalho era dedicado à Rádio. Se alguém pensava em tradução, era no horário de folga e trabalhava como revisor(a). Naquele tempo, voltou a circular a revista *Construção da China*, mas só falava sobre as coisas da China, nada a ver com cultura ou arte dos países estrangeiros. Com a política da Reforma e Abertura, os tradutores começaram pouco a pouco a traduzir. Traduzi a minha primeira crônica com Fan (Weixin), chama-se “O comprador de fazendas” [de Monteiro Lobato], era um texto didático para o terceiro ano, mas era uma história muito interessante, então editamos para o chinês. Mais tarde, algumas editoras começaram a publicar ficção.

O mais fácil [de se traduzir] foi [Luís Fernando] Veríssimo. Comecei por traduzir crônica. Eu tinha interesse pela história brasileira, por isso, quando estive aquele ano no Brasil, além de frequentar as aulas e conversar com a proprietária da casa em que eu morava, também ia às livrarias. No Brasil, havia vendedores de livros ambulantes, e eu costumava comprar, porque eram baratos. Por isso, quando algum jornalista me perguntava o que eu queria levar do Brasil para a China,

respondia-lhe que queria levar café e livros. Eu ficava a imaginar o quão bom seria se pudesse ao menos, traduzir algum daqueles.

Depois de traduzir crônicas, o que traduziu?

Ciranda de Pedra, um livro que comprei no Brasil. Gostei da estória, era de uma autora do Rio. Peguei o livro com um conteúdo arrojado, *Ciranda de Pedra* também foi acompanhada pela telenovela. Mais tarde, fui trabalhar em Macau e traduzi as obras de Macau.

Nunca traduziu obras de autor português?

De português não, porque isso sempre tem uma relação, sabe? A literatura de Portugal não era muito popular na China. Jorge Amado era o mais famoso, mas as obras foram traduzidas do russo para o chinês. Mesmo que em suas obras falasse muito de sexo, essas eram fantásticas, quando se lê, parece que está se lendo um poema, todas as frases são fantásticas.

Fale de sua experiência como correspondente no Brasil.

O período mais importante de minha carreira foi quando trabalhei como correspondente-chefe no Brasil entre 1998 e 2002. Na ocasião, o meu marido acompanhou-me, mas ele não fala português, não foi só para me acompanhar, mas também para me ajudar.

Ele ajudou-me muito, porque eu tinha muito trabalho, mas não precisava de me preocupar com a revisão da língua chinesa, por que desta parte, ele se encarregava. Ele era uma espécie de redator e, mais tarde, ele escreveu muitos artigos. Ele tem muita capacidade intelectual. Chegamos no dia 9 de Janeiro, era um período da crise brasileira, só tínhamos poucos dias para nos instalarmos no hotel. Três dias depois, a CRI me pressionava para despachar notícias do Brasil sobre o Plano Real.

Depois da crise econômica, entrevistávamos ministros, acompanhávamos muita coisa, não sei, tive muita sorte, tinha boas relações com outros correspondentes e associações, em qualquer viagem eles me levavam. O governo do Brasil gostava muito de nós, porque falávamos objetivamente sobre a realidade brasileira, inclusive sobre a violência, mas só quando aconteciam as mais graves, das pequenas não falávamos, em todos os países existe isso também.

Uma vez fui ao curso de jornalismo de uma universidade carioca para contar as minhas experiências. Disse-lhes que todos queriam ser famosos, mas para ser um jornalista, tinha de se ter um ponto de vista, tinha de ser objetivo, não podia só informar as coisas que podiam atrair a atenção das pessoas, porque talvez no início as pessoas tenham curiosidade, mas pouco a pouco achariam que o repórter era superficial.

Eu achava cada vez mais interessante o meu trabalho e diferente dos outros. Participava em todas as atividades que apareciam, por exemplo, participei das manifestações para a proteção do meio ambiente envolta da Lagoa [Rodrigues de Freitas no Rio de Janeiro] e conversava com os participantes ao final. Fui numa passeata exigindo a destruição de armas no Rio.

O que é necessário para ser um bom tradutor ou intérprete?

Primeiro, para ser um bom tradutor ou intérprete, tem que amar a língua estrangeira que aprendeu. Tem que ter paixão, não apenas uma relação utilitarista, porque quando você assume-a como uma paixão, vai aprender mais a fundo, isso é quase um requisito, sem a paixão não se obtém o domínio linguístico. E depois quando começar a traduzir ou a interpretar, tem que se pensar nas duas culturas. Não dá para sair a traduzir palavra-por-palavra, não dá. Por exemplo, alguém traduziu 脚手架 *jiǎoshǒujià* como “estrutura de pé e mão”, que em português se chama de “andaime”. Outro exemplo vem de Angola, alguém traduziu 水泥 *shuǐní* como “água e lama”, porque ele não sabia a palavra “cimento”. Essas situações acontecem com frequência e tem de se chamar a atenção, senão, o nível de tradução não melhora. Atualmente, existem algumas divergências. Algumas pessoas são da opinião que não precisam considerar a cultura, apenas traduzir. De fato, às vezes pode se criar uma palavra nova. Obviamente existe o fator criativo no processo de tradução, mas não se pode criar qualquer palavra, pois existem duas culturas, algumas palavras já existem na cultura do país da língua de chegada e não se pode inventar. Às vezes, lemos em algumas notícias e logo percebemos que foram traduzidas, embora possamos compreender, talvez exista uma versão mais apropriada. E isto é pouco considerado por todos.

Faltam conhecimentos gerais?

Sim. Para ser um bom tradutor, tem de prestar atenção, senão a tradução nunca vai ser adequada. Compreendi isso, através das minhas experiências. Eu

também tenho momentos em que me “dá o branco” na tradução, mas neste momento tem que se parar e pensar.

Veja um exemplo, na década de 1990, fiz uma interpretação em Macau, o secretário para os assuntos da cultura dizia que a gestão da administração não era a melhor, e referiu que 葡萄牙的官员屁股还没坐热就要走了 [o oficial português ainda nem esquentou a cadeira e já se vai embora], como traduzir esta frase? Naquele momento, pensei rapidamente e traduzi como “não conseguiu esquentar a cadeira”. Quero dizer que existem pontos de contato entre duas culturas, existem duas maneiras diferentes para expressar uma mesma ideia, por isso, tem de saber como expressar essa ideia nas duas culturas, isso é a função da tradução.

Outro exemplo, “你别勉强” [não insista], como se traduz “勉强”? Deve ser “insistir”. Quando era jovem, costumava pensar como eu poderia traduzir melhor e ficava pensando na hora de dormir. E quando ouvia português ou chinês, ficava sempre a traduzir mentalmente. Por isso, tem de gostar de fazer traduções, tem de ter paixão, senão, não vai fazer isso como eu.

Ontem, assisti à telenovela *O clone* na TDM. Ouvei a palavra “brecha”. A personagem Leonidas falou “a lei tem sempre uma brecha.” Como eu trabalho nesta área, perguntei-me qual seria a diferença do português em relação ao chinês. Em chinês, há uma expressão figurada relacionada ao Direito que diz “há sempre uma brecha na lei”, então como você traduz? Caso você queira traduzir *huìsè dīdài* [zona cinzenta] para o português e você não sabe a palavra “brecha”, você vai traduzi-la literalmente? Esta figura de linguagem, caso for traduzida literalmente como “faixa cinzenta” ou “faixa de cor cinzenta”, ninguém vai entender a que se refere esta expressão literal. Então, possuir o domínio do vocabulário em português é muito importante!

Referência

ZHENG, Shuo. *Yu Huijuan: uma biografia tradutória*. Dissertação de Mestrado não publicada. Macau: Universidade de Macau, 2012.